

## Os Andarilhos da Beira Mar

As caminhadas e o *jogging* na Avenida Beira-Mar Norte da capital catarinense são hábitos relativamente recentes. Em épocas mais provincianas, nenhum cidadão - ou cidadã - "de respeito" saía às ruas de tênis, trajes esportivos e indefectíveis bonés só com o objetivo de se exercitar andando ou correndo. Foi a abertura daquela avenida, nos anos 1960 e 70 e, posteriormente, já nos anos 80, com a construção da Via Expressa Norte, como seu prolongamento, que incentivaram tal prática. Isso num período em que as teorias do corredor Kenneth Cooper, demonstrando a excelência desse tipo de exercício para queimar calorias e adiposidades e, ao mesmo tempo, combater o estresse e as taxas elevadas de colesterol, tornavam-se conhecidas mundialmente.

Atualmente, caminhar ou correr na Beira Mar virou um verdadeiro modismo. O que nos permite até detectar certas peculiaridades dos seus praticantes. Pois, se a disputada passarela não tem o charme de um desfile do Armani, apresenta, por outro lado, um espetáculo sempre variado e multiforme no que se refere à fauna humana (masculina e feminina).

Vê-se de tudo um pouco: de curvilíneas donzelas a altivas damas de outras épocas; de espadaúdos ginastas a velhotes barrigudinhos; de musculosas corredoras a gordotas socialites procurando melhorar a forma.

Há ainda os diversos horários e as diversas categorias, de acordo com as idiossincrasias e as disponibilidades de cada um(a). As decididas jornadas têm início quando o sol mal desponta a leste, iluminando a Ilha com os seus primeiros raios. É a hora dos madrugadores e dos apressadinhos, que não podem perder muito tempo, categoria que inclui executivos, políticos, homens do poder, jornalistas, comunicadores, publicitários, professores universitários e mulheres ativas, do tipo que aparece nos comerciais de TV anunciando o *sempre-livre*.

A partir das 9 horas da manhã, em dias úteis (sábados, domingos e feriados não contam porque são dias reservados aos "amadores"), as andanças ficam menos tensas. É o chamado horário nobre, que se estende até o meio-dia, nas estações amenas, e cuja freqüência é fiel e variada, desde compenetrados atletas adeptos do *mens sana in corpore sano*, a poetas, escritores e artistas em busca de musas arredias. Essa é também a hora burguesa, a predileta das madames, dos *bons vivants* de meia-idade e dos representantes da ociosidade bem remunerada (marajás aposentados, políticos em recesso, generais de pijama e afins), pessoas que já não precisam cumprir à risca o anátema bíblico de "ganhar a vida com o suor do seu rosto". Basta suar um pouco a camiseta. Muito comum, também, no período matinal são as duplas, trincas e até quartetos (geralmente femininos), que não param de falar (da vida alheia?) um minuto sequer.

Franklin Cascaes não titubearia em denominá-los de "As Bruxos" (e "Os Bruxos") da Beira-Mar.

Mas a maioria prefere fazer o seu *cooperzinho* a sós. São os solitários que podem se desdobrar em várias subcategorias, a saber: os "fanáticos", que não falham um dia, com nordestão, vento sul, lestada e chuva; os esporádicos, que só aparecem com céu de brigadeiro e mar de almirante; os "que não brincam em serviço", ou que só param quando estão encharcados de suor e os "contemplativos", ou "lentos", que não são de suar a camisa. Ressalte-se que nesta lista incluem-se "eles" e "elas".

Há também os "espertinhos", que param os seus automóveis num dos estacionamento e andam durante uns... quinze minutos. Não enganam nem a eles mesmos. Mas só aspirar o ar marinho (quando não está impregnado de odores indesejáveis da poluída baía) já é uma grande pedida.

Outro horário de pique, e que alcança respeitável "Ibope", é ao crepúsculo, quando a Beira-Mar oferece, sem cobrar nada, um dos mais belos (e raros) ocasos do planeta. Em tardes ensolaradas, é claro. Há ainda aqueles-aquelas que preferem as caminhadas noturnas, um excelente programa para o corpo e o espírito (e para se livrar das novelas da Globo), especialmente em noites estreladas ou de lua-cheia, sem nordestão. É o melhor "expediente" para os estressados.

Os diversos trajetos constituem-se também num item digno de observação. Certos frequentadores gostam de caminhar sempre para o mesmo lado e depois voltar. Outros preferem variar. As rotas mais apreciadas são o trecho entre a pracinha próxima ao Colégio Catarinense e a Ponta do Coral, ou, seguindo à esquerda, até a Ponte Hercílio Luz. Mas existem "fanáticos" que vão de uma ponta a outra, ida e volta. Ou seja, do início da Avenida, ainda na Baía Sul, até a rótula do CIC, percurso com cerca de 6 km. Não é para qualquer um (a).

E como ainda vivemos numa capital relativamente pequena, é inevitável, nas idas e vindas, o encontro com faces conhecidas e sua conseqüente reação civilizada social: os cumprimentos. Estes podem ser enquadrados numa escala que vai do falso-efusivo "mas que prazer em te ver!", ao formal-lacônico "como vai!", passando por aquela troca de sorrisos amarelos, quando há o reencontro de caminhantes que já se cruzaram e se cumprimentaram antes.

\*\*\*

Mas duro mesmo é quando você já trocou abóbrinhas por intermináveis minutos com um ex-colega de secundário, com quem não se encontrava fazia uns 30 anos, e depois se despediu dele com batidinhas nos ombros, coisa e tal, e agora você o vê de novo, ao longe, vindo de volta. Aí

o jeito, como não existe esquina na Avenida, é apelar para o gesto hipnótico do Mandrake e... sumir no espaço. (1998)